A REFLEXÃO DA IGREJA SOBRE O PURGATÓRIO

O povo de Israel costumava orar pelos mortos para que fossem libertos dos seus pecados. Esta tradição continuou sem interrupção na Igreja, confirmando a existência do Purgatório. O segundo Concílio de Niceia (ano 787), como também o Concílio de Florência (1438-1445), o Concílio de Trento (1545-1563) e o Concilio Vaticano II, falaram do Purgatório:

A Constituição Pastoral Lumen Gentium, do Concílio Vaticano II, afirma:

> «Esta venerável fé dos nossos maiores acerca da nossa união vital com os nossos irmãos que já estão na glória celeste ou que, após a morte, estão em purificação, acete-a este Concílio com muita piedade e de novo propõe os decretos dos sagrados Concílios Niceno II, Florentino e Tridentino». (LG 51)

Os primeiros e mais antigos testemunhos sobre o Purgatório são os epitáfios e as inscrições funerárias. Como o célebre epitáfio de Abércio: *«Vós que compreendeis esta linguagem e partilhais os mesmos sentimentos, rezai por Abércio».*[1] Antes de qualquer reflexão teológica, a oração da Igreja pelos defuntos constitui o primeiro testemunho de uma purificação das almas depois da morte, isto é, do Purgatório.

Os Padres da Igreja do Oriente e do Ocidente afirmam de forma unanime que os cristãos tinham o costume de orar pelos defuntos no dia do aniversário da sua morte, considerando-o o dia do nascimento para o Céu. A partir desses testemunhos, começou a reflexão teológica sobre o Purgatório.

Tertuliano é um dos escritores mais antigos (160-220) e fala do Purgatório na sua obra *Paixão de Santa Perpétua.* Nela, descreve um episódio da vida da Santa Perpétua que, em sonho, visualiza o seu irmão Dinocráto, morrido ainda novo e, provavelmente, sem batismo. Estava num lugar tenebroso e com o rosto bastante triste. Imediatamente, ela começou a orar pelo seu irmão, e, passado algum tempo, teve outro sonho, onde o seu irmão estava alegre. Este episódio representa um primeiro testemunho do Purgatório.

Contudo, é na obra *Sobre a alma* que Tertuliano desenvolve a doutrina do Purgatório. Ele estava ainda na sua fase montanista. Vê o Purgatório como um cárcere no qual se tem oportunidade de pagar o "último centavo"; segundo esta visão o Purgatório seria necessário para todos".[2] Testemunha também a necessidade de orar pelos defuntos:

> «Nós oferecemos todos os anos, o sacrifício pelos mortos no dia do seu nascimento» e «A viúva crente reza pela alma do seu esposo, reza por ele que está no repouso esperando, para que tenha parte na primeira ressurreição, e oferece por ele as suas orações no aniversário da sua morte».

Outro autor importante é ***Santo Ambrósio de Milão*** que pronunciou uma oração fúnebre pelo imperador Teodósio, na qual diz:

---

[1] Juan RUIZ DE LA PEÑHA, *La pascua de la creation*, *Escatologia*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2000, p. 284

[2] Joseph RATZINGER, *Escatología*, Editorial Herder, Barcelona, 1992, 208.

> «Dá ao Teu servo Teodósio o repouso perfeito, esse repouso que Tu preparaste para os santos... Eu amei-o; por isso quero segui-lo na terra dos vivos. Não o abandonarei até que o chame na santa Montanha de Deus».

Um dos testemunhos mais tocantes sobre o Purgatório é, com certeza, o de ***Santo Agostinho*** que relata que a sua mãe, chegada a hora da morte, lhe fez um último pedido:

> «Sepulta o meu corpo em qualquer lugar, não importa onde; não te preocupes com ele. Mas peço-te somente que, onde quer que estejas, te lembres de mim no altar do Senhor».

Este pedido inspirou nele uma ardente súplica:

> «Por isso Te imploro, ó Deus do meu coração, pelos pecados da minha mãe. Que ela repouse em paz com o seu marido... E inspira, Senhor, aos teus servos meus irmãos, que eu sirvo pela palavra, pelo coração e pela escrita, a todos os que lerem estas linhas, que lembrem no Teu altar, a Tua serva Mónica».

Tertuliano escreve:

> «A esposa roga pela alma de seu esposo e pede para ele refrigério, e que volte a reunir-se com ele na ressurreição; oferece sufrágios todos os dias aniversários de sua morte» (De Monogamia, 10).

São Gregório Magno (540-604), Papa e doutor da Igreja:

> «No que concerne a certas faltas leves, deve-se crer que existe antes do juízo um fogo purificador, segundo o que afirma Aquele que é a Verdade, dizendo que se alguém tiver cometido uma blasfêmia contra o Espírito Santo, não lhe será perdoada nem no presente século nem no século futuro (Mt 12,31). Desta afirmação podemos deduzir que certas faltas podem ser perdoadas no século presente, ao passo que outras, no século futuro». (Dial. 41,3).

O testemunho dos primeiros cristãos

Nas antigas catacumbas romanas se encontram inscrições que confirmam a fé dos primeiros cristãos na existência do Purgatório. Por exemplo, nas catacumbas de S. Calisto, às portas de Roma, encontra-se a seguinte inscrição:

> «Nas vossas orações pensai em nós que vos precedemos»; e a resposta dos fiéis: «Que a luz eterna brilhe sobre ti em Cristo».

O hábito de oferecer orações e sacrifícios pelos familiares defuntos estava profundamente enraizado no judaísmo. A Igreja primitiva continua, sem nenhuma interrupção, esta tradição, até aos nossos dias. Esta tradição secular é um facto que testemunha e confirma a crença de que, depois da morte, existe um estado chamado intermedio, entre paraíso e inferno, chamado Purgatório, ou fogo purificador.

Um livro de orações, muito usado pelos judeus da América, contem a seguinte fórmula de oração para as cerimónias fúnebres:

> «Irmão desaparecido, possas tu encontrar as portas do céu abertas e ver a cidade da paz e o lugar de delícias da segurança; que os anjos venham apressadamente ao teu encontro para te servir; que o Sumo Sacerdote se apreste a acolher-te. Vai até ao fim; repousa em paz e ressuscita para a vida. Que a estadia no lugar de delícias do

céu seja o quinhão, a morada e o lugar de repouso da alma do nosso irmão defunto; que o Espírito do Senhor o conduza ao paraíso, a este irmão que saiu deste mundo por vontade de Deus, Senhor do céu e da terra. Que o grande Rei dos Reis, na Sua misericórdia infinita, o esconda à sombra das suas asas. Que o desperte no fim dos seus dias e o sacie na torrente das Suas delícias».

Este ensinamento apoia-se também na prática da oração pelos defuntos, da qual já a Sagrada Escritura fala:

> «Eis porque ele [Judas Macabeu] mandou oferecer esse sacrifício expiatório pelos que haviam morrido, a fim de que fossem absolvidos de seu pecado» (2 Mac 12, 46). (CIC 1032)

Santo Agostinho afirma:

> "Não se pode negar que as almas dos defuntos recebam alívio pela piedade dos seus parentes vivos, quando por elas se oferece o sacrifício do Mediador, ou quando se fazem esmolas na Igreja. Mas estas coisas aproveitam aquelas que, quando viviam, mereceram que depois pudessem aproveitá-las. Porque há um modo de viver, nem tão bom que não necessite estas coisas da morte; mas há também tal modo de viver no bem que não necessita estas coisas, e há também tal modo de viver no mal que não se pode ajudar nem com estas coisas, quando passam desta vida… Quando, por tanto, se oferecem os sacrifícios, seja do altar, seja de qualquer classe de esmolas por todos os batizados defuntos, com respeito aos muito bons são ação de graças; com respeito aos maus, ainda que não são ajuda alguma para os mortos, são certos consolos para os vivos".[3]

Santo Agostinho situa a purificação ultraterrena na realidade da comunhão dos santos: *«As almas dos santos defuntos não estão separadas da Igreja, que constitui o Reino de Cristo no momento presente; de outra forma, não seriam comemorados no altar de Deus na nossa comunhão no corpo de Cristo»*.[4] Permanece fiel à tradição da Igreja que fala de um fogo purificador (ignis purgatorius) e à tradição da Igreja de oferecer sacrifícios pelos defuntos. A reflexão agostiniana irá prevalecer na reflexão teológica ocidental.

O primeiro tratado sistemático de escatologia é de ***Julião de Toledo***, *Prognosticon futuri saeculi*, nos finais do século VII. Ele reafirma a existência de um estado de purificação pós-morte, para aqueles que morrem sem estarem suficientemente preparados para o Céu. A sua maneira de ver, este estado de purificação dura até ao fim dos tempos. Sublinha também que a oração dos vivos pelos defuntos é salutar e propiciatória. Julião tem também o cuidado de distinguir o fogo do Purgatório, do fogo do Inferno. Este tratado de escatologia teve uma enorme influência na Idade Média, pois sintetiza a reflexão escatológica do Ocidente, até aquela altura.

Em contrapartida, o Oriente cristão também desenvolveu uma teologia do Purgatório, com algumas semelhanças e dissemelhanças com a tradição no

---

[3] José ALVIAR, Escatología, EUNSA, Pamplona, 2011 , 344

[4] AGOSTINHO DE HIPONA, De civitate Dei, 20, 9, 2, PL 41, 674.

Ocidente, sendo ainda hoje um "pomo de discórdia" entre católicos e ortodoxos. De facto, os Ortodoxos criticam seriamente a noção ocidental de purgatório, por fidelidade a Escritura e por respeito diante do mistério, por isso, interpretam com circunspeção os textos dos Padres gregos sobre o fogo purificador. Praticam também a oração pelos defuntos, mas falam de um «sofrimento da consciência» e rejeitam a ideia de Purgatório como «lugar» e «fogo purificador».

O primeiro autor oriental que se debruçou sobre este tema foi ***Clemente de Alexandria*** (150-215). As características principais da escola teológica alexandrina são: o recurso à filosofia platónica e estoica e a tendência de interpretar alegoricamente o Antigo Testamento. Clemente defende a plausibilidade de uma purificação ultraterrena, pois o ser humano está num contínuo processo de purificação. Fala também do fogo purificador. Trata-se de uma grandiosa pedagogia (paideia) divina, que ele considera de tal forma eficaz que Deus conseguirá no final recuperar todas as criaturas. Ele abriu a porta de salvação para todos, pois os castigos pós-mortais parecem ter mais a finalidade de purificação, do que de uma sanção definitiva.

Orígenes (182-254), seguidor e sucessor de Clemente na escola de Alexandria, desenvolveu a mesma linha de pensamento. No seu sistema teológico, o tema do Purgatório está relacionado com a passagem bíblica de 1Cor 3,11-15-22, *sendo "Deus mesmo o fogo que purifica"*. A purificação ultraterrena serve de "preparação para a visão eterna (cfr. De principiis, IV, 11, 6-7) porque opera nas almas uma gradual conversão". Orígenes, tal como Clemente, defende a tese da restauração universal, segundo o qual, no final dos tempos, todas as criaturas se salvam, inclusive os demónios. O Inferno seria uma realidade temporária, não existiria uma condenação eterna.

O grande opositor da doutrina de Orígenes é ***São João Crisóstomo*** (347-407), o qual afirmou: *«Não é pequena a questão que nos é proposta, mas é muito necessária; é um dos problemas que os homens todos procuram resolver: se a geena é infinita. No entanto, Cristo assegurou que não tem fim, nestes termos: "Onde o fogo não se extingue e onde o verme deles não morre (Mc 9,18)».*

No século IV, todos os teólogos orientais são unânimes em defender a existência de uma purificação depois da morte (São Efrém, São Basílio, São Gregório de Nisa). ***São Cirilo de Jerusalém*** (313-386) afirmava, veementemente, nas suas catequeses mistagógicas, a existência deste estado purificador:

> *«Rezamos (na Eucaristia) pelos santos padres e bispos que estão dormindo, e em geral por todos os que já dormem antes de nós, na crença de que aproveita grandemente as almas pelos quais oferecemos as orações, enquanto a vítima santa e magnifica está presente… Da*

mesma maneira, oferecendo a Deus as nossas orações por aqueles que já dormem e pecaram, oferecemos… Cristo, sacrificado pelos pecados de todos, e ao fazê-lo, conseguimos o favor de Deus amoroso por eles e por nós».[5]

Querendo, agora, fazer um balanço sobre a primitiva reflexão teológica sobre o Purgatório, podemos dizer que se desenvolveu em duas formas diferentes, no ocidente e no oriente. No ocidente, o Purgatório é visto mais numa perspetiva jurídica e moral: a purificação ultraterrena é um prolongamento da práxis penitencial terrena, uma oportunidade para pagar o "último centavo". Na teologia oriental, o Purgatório é situado dentro do processo de divinização do ser humano, um caminho de santificação que diviniza o homem. O Purgatório é como uma oportunidade medicinal e correcional terapêutica, distanciando-se da perspetiva jurídica ocidental. Contudo, podemos dizer que não se trata de dois sistemas antagónicos, mas de duas visões complementares.

Neste mesmo período, ***o Magistério da Igreja*** estava mais direcionado para os temas da Escatologia comunitária (a segunda vinda de Cristo, reino que não terá fim, a ressurreição dos mortos), sendo estas declarações expostas principalmente nos Símbolos da Fé: o Credo Niceno-constantinopolitano, realizado no Concílio de Niceia (325) e Constantinopla (381), Fides Damasi (IV), Quicumque (IV/V) e outros os Símbolos redigidos em concílios provinciais.

A Igreja desde sempre honrou a memória dos defuntos e ofereceu sufrágios para eles, especialmente o sacrifício eucarístico (DS 856), a fim de que, purificados, possam chegar à visão beatífica de Deus. Além da oração e da Santa Missa, a Igreja recomenda as esmolas, as indulgências e as obras de caridade e de penitência pelas almas dos defuntos.

A Liturgia da Igreja desde sempre está imbuída por esta tradição de oração pelos defuntos, como deixa transparecer a Anáfora Siríaca no memento dos defuntos: «*Aos nossos pais e irmãos, que morreram na verdadeira fé, dai-lhes a glória divina no dia do Juízo; não tenhas em conta os seus pecados, porque ninguém é inocente diante de Vós».*[6]

padreleo.org

[5] CIRILO DE JERUSALÉM, *Catecheses mystagogicae*, 5, 9-10, PG 33, 1115-1118

[6] AA. VV. *Antologia litúrgica*, Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, 1117